



ARMANDO, EPISCOPUS ANGRENSIS

## Diocese de Angra

*Homilias – Mensagens – Comunicados – Reflexões - Notas  
Pastorais – Decretos – Nomeações – Provisões – Cartas Pastorais*

### JUBILEU SACERDOTAL E ORDENAÇÃO DE DIÁCONOS

#### **Sé Catedral de Angra | 23 de junho de 2025**

1. Quando falei na homilia para hoje, alguém me dizia: basta dizer parabéns e obrigado! Então, parabéns, caros padres em Jubileu. Parabéns pela maravilhosa vocação a que Deus vos chamou; parabéns por estardes aqui a agradecer e renovar o dom da Ordenação e os anos de ministério.

Obrigado pelo que sois e fazeis na diocese. Obrigado por estardes aqui e construídes, em unidade com os bispos e, agora comigo, a comunhão no presbitério, essencial à missão desta Igreja Local.

É com o coração cheio de alegria e gratidão a Deus que celebro convosco as maravilhas do Senhor. O Jubileu é Cristo, “nossa esperança”. Oxalá seja ocasião para uma renovada conversão a Cristo, sempre rico de misericórdia para connosco que fomos, por Ele, ministros da mesma misericórdia. Como dizia a primeira Leitura “*jorrrará uma nascente ... a fim de lavar o pecado e a impureza*».

2. «E vós, quem dizeis que Eu sou?». “Tu és o Messias”, o meu Salvador, disse Pedro. É uma pergunta que também nos interpela, diria mesmo que nos abala, num mundo em que a atitude de muitos cristãos parece ter-se acomodado na esteira da secularização e a de muitos padres parece ser mais para falar de Jesus que para o ouvir e lhe responder. A pergunta acompanha-nos e não pode ter resposta vaga. Conhecê-lo implica todo o nosso destino humano e espiritual; conhecê-lo significa segui-lo e viver para ele e nele; conhecê-lo significa aproximarmo-nos da humanidade perfeita que ele é. Quanto mais progredirmos nele, mais compreenderemos quem somos.

Lembro-me quando, ainda jovem e em discernimento vocacional, consegui verbalizar quem Ele era para mim, dizendo: “desejo que Ele seja tudo para mim: mais que a minha vida, mais que a saúde, a riqueza, a família, o prestígio ou o próprio sacerdócio”. Dou graças a Deus por o conseguir dizer ainda hoje, já não como sonho de um jovem, mas com o realismo que a vida, tantas vezes provada pela fragilidade e fracassos, me faz repetir: és o meu tudo! Sei que, se o quero seguir terei de continuar a renunciar a mim mesmo e a tomar a cruz todos os dias, pronto a recomeçar sempre.

Deixo-vos dois pontos do discurso do Papa ao clero de Roma:

- “*Sois chamados à unidade e à comunhão*”. Jesus pediu ao Pai que os seus fossem um (cf. Jo 17, 20-23). “O presbítero é chamado a ser homem da comunhão, pois ele é o primeiro que a vive, alimentando-a continuamente. Sabemos que hoje esta comunhão é impedida por um clima cultural que favorece o isolamento ou a autorreferencialidade. Nenhum de nós está isento destas ciladas que

ameaçam a solidez da nossa vida espiritual e a força do nosso ministério.” Desejo que cada um recupere a serenidade no seu ministério; mas, precisamente por isso, peço-vos um novo ímpeto na fraternidade presbiteral, que mergulha as suas raízes numa sólida vida espiritual, no encontro com Ele e na escuta da sua Palavra. Alimentados por esta linfa, conseguiremos viver as essenciais relações de amizade.

- *Sois chamados a ser sacerdotes creíveis e exemplares.* “Peço-vos com o coração de pai e pastor: esforcemo-nos e ajudemo-nos todos nisto! Estamos conscientes dos limites da nossa natureza e o Senhor conhece-nos profundamente; mas recebemos uma graça extraordinária, foi-nos confiado um tesouro precioso do qual somos ministros, servidores. E ao servo pede-se fidelidade. O Senhor quis-nos precisamente a nós neste tempo de desafios, às vezes, maiores do que as nossas forças...!

- *Acrescento:* Sois/somos chamados a aperfeiçoar um estilo sinodal de viver o ministério. Eu quero ser o primeiro. Ajudemo-nos nas equipas sacerdotais das Ouvidorias, nos Conselhos e Serviços Pastorais. A Sinodalidade é a concretização prática da comunhão no seio das comunidades cristãs para as tornar capazes de evangelizar melhor, de desenvolver uma cultura nova na sociedade, baseada no diálogo respeitoso, na aceitação dos diferentes e na convivência fraterna com todos, todos, todos. “Sem a sinodalidade tudo murcha” disse o Papa Leão XIV. “Ela não foi invenção do Papa Francisco nem de Paulo VI, que criou o Sínodo dos bispos, mas uma característica essencial da Igreja desde os seus inícios”. Não basta o empenho do Papa, é necessária a corresponsabilidade de todos os fiéis, sejam eles leigos, religiosos ou ordenados.

A todos exige-se uma docilidade ao Espírito e uma cultura sinodal que só poderemos adquirir com treino. Entende-se assim o desejo do Papa de que todas as comunidades “sejam ginásios de fraternidade e participação, não apenas locais de encontro, mas lugares de espiritualidade”.

3. Caros candidatos a diácono, o **rito de Ordenação** manifesta a natureza e a missão do diácono, para que, movido pelo exemplo de Jesus, ele exerça o amor sincero, a solicitude para com os pobres e os enfermos, a autoridade discreta, a simplicidade de coração e uma vida segundo o Espírito Santo. É **um verdadeiro e permanente sacramento**. Nesse sentido, o diácono, inspirado pelo exemplo de Jesus, consagra para sempre toda sua vida para “*lavar os pés*” da comunidade e partilhar o pão da Palavra, que alimenta, traz vida e esperança.

Segundo o mandato do bispo, pertence-vos formar na doutrina sagrada, presidir às orações, celebrar o batismo, assistir ao matrimónio e abençoá-lo, levar o viático aos moribundos e presidir aos funerais. Exercereis o ministério da caridade. O vosso comportamento deve levar a que todos reconheçam em vós um verdadeiro discípulo de Cristo que veio para servir e não ser servido. Três de vós, sendo solteiros, abraçareis para sempre o celibato para terdes um coração indiviso.

O diácono não é uma espécie de "vice-pároco" ou um ministro a meias. Ao contrário dos Presbíteros, os diáconos não são ordenados para o sacerdócio, mas para o ministério. O *Documento final do Sínodo*

apela a uma promoção do diaconado, «reconhecendo neste ministério um fator precioso de maturação de uma Igreja serva no seguimento do Senhor Jesus que se fez servo de todos».

Na verdade, os diáconos favorecem um amadurecimento da unidade entre fé e vida, sem separações indevidas entre sagrado e profano. Eles deslocam a Igreja, porque a impelem a estar presente no território não só através da **capilar estrutura paroquial**, mas em todos os lugares onde o ser humano trabalha, edifica a sociedade, experimenta o sofrimento, a rejeição, a fragilidade, o cansaço de viver. Eles ensinam toda a Igreja (dos bispos aos leigos) a deixar-se tocar pelas pessoas, pelas suas necessidades, de modo a vencer a tentação de um cristianismo desencarnado, tranquilizador.

Numa Igreja constitutivamente sinodal-missionária, que se interroga sobre a participação de todos e todas na única missão messiânica do povo de Deus, são necessários os diáconos que trazem profecia social da política à economia, colaboram com todos aqueles que acreditam na fraternidade e na paz numa permuta de dons com o mundo.

Numa sociedade de incerteza, insegurança e precariedade, os diáconos são chamados a ser «ministros ou servidores da esperança». «Ser ministro» significa estar preso por uma paixão que deve ressoar nos lugares de sofrimento e de limite humano, onde se experimenta a proximidade dramática da morte e a miséria sem perspectivas de futuro: o hospital, a prisão, o cemitério, os lares e centros de acolhimento para pobres, idosos e doentes, migrantes, toxicodependentes, os centros de escuta e ação da Cáritas, etc. O diácono deve ter aí uma palavra de esperança.

Falando com cada um de vós, percebi quanto sentis que a missão também vos chama em primeiro lugar a ser estes “ministros da esperança” com os **tristes, os pobres, os doentes e os que vivem o drama da morte**. Há um campo enorme de missão. Serão prioridade nas nomeações que receberéis. Na liturgia eucarística, a presença do diácono não é uma questão de maior solenidade, mas de significado [...]. O diácono reúne na oração dos fiéis os desejos e as preces de quem pergunta: «Até quando? Até quando a pobreza, o sofrimento, a guerra, a violência e a injustiça nos nossos dias?»

**Convidareis ao abraço da paz** para a vida no amor e, no final direis a **palavra de despedida**, enviando a todos porque ainda «não vivemos num mundo perfeito. Conhece ainda muito pranto.

Asseguro-vos a minha proximidade, o meu afeto e a minha disponibilidade para caminhar convosco. Confiemos ao Senhor a nossa vida e ministério, procurando nunca desistir de crescer na unidade, na exemplaridade e no compromisso profético. Obrigado e parabéns.

*+ Armando, Bispo de Angra*